

Debate deixa as portas abertas para alianças

CORREIO BRAZILIENSE

19 JUL 1989

JOÃO AURELIO ABREU
Enviado Especial

São Paulo — O debate promovido pela TV Bandeirantes na noite de segunda-feira, entre os candidatos a Presidente, com exceção de Fernando Collor, do PRN, Ulysses Guimarães, do PMDB, e os dos partidos nancicos, serviu para visualizar as alianças que deverão ser feitas no segundo turno. Os candidatos Mário Covas, do PSDB; Leonel Brizola, do PDT; Luiz Inácio Lula da Silva, PT; e Roberto Freire, do PCB, evitaram colocar em confronto seus programas de governo, idéias e propostas para solucionar a crise nacional. Com isso, evitaram criar suscetibilidade entre eles e marcar distâncias que poderiam se tornar intransponíveis.

Isso ficou evidente no primeiro bloco de perguntas entre candidatos. Mário Covas ficou satisfeito com a resposta que recebeu de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT, sobre a participação do capital estrangeiro na economia brasileira. Ambos concordaram que o mercado nacional não deve se fechar para o capital externo e sim procurar adequá-lo a um projeto de fortalecimento da economia nacional.

Logo em seguida foi a vez do candidato do PDT, Leonel Brizola, deixar o candidato do PCB, Roberto Freire, bem à vontade para explicar a sua proposta de uma união de forças políticas para garantir as eleições deste ano, diante das sucessivas crises e radicalizações que ocorreram no início do ano, com atentados a bomba. Brizola aproveitou a deixa para criticar o Governo e mostrar sua preocupação com a possibilidade dos incidentes ocorridos na Argentina se repetirem no Brasil.

Paulo Maluf, candidato do PDS, quis provocar a primeira polêmica. Perguntou a Mário Covas se ele era contra o aborto. A resposta foi seca, rápida e direta em uma única palavra: "Contra". Maluf se contentou com a resposta e não usou o tempo que teria direito para comentá-la. Nesse momento, chegou a vez do candidato do PTB, Affonso Camargo, que também preferiu não se colocar de frente com os demais candidatos e fez uma pergunta para Aureliano Chaves, candidato do PFL, sobre a participação do Estado no desenvolvi-

mento da sociedade, para que o ex-ministro do Governo Sarney e vice-presidente da República no Governo Figueiredo explicasse a importância das estatais para o País, assunto preferido do Aureliano.

Talvez porque o clima no debate estava muito ameno e cheio de cortêsias, Aureliano tentou ser delicado e pediu para que lhe fosse possível ficar sem perguntar. A mediadora do programa, Marília Gabriela, lhe fez ver que não teria condições de prosseguir com o debate se Aureliano não perguntasse. Por fim, ele se decidiu por pedir explicações ao deputado Guilherme Afif Domingos, candidato do PL, sobre irrigação no Nordeste em plena crise energética. Afif também não teve maiores dificuldades para responder.

O debate transcorreu assim a maior parte do tempo. A rigor, polêmica mesmo só ocorreu entre Ronaldo Caiado, candidato do PSD, e o candidato do PDT, Leonel Brizola. A discussão começou com a pergunta dirigida ao candidato pessedista sobre qual seria o comportamento da União Democrática Ruralista (UDR) se ele fosse eleito presidente da República. Brizola deveria comentar a resposta, mas sequer esperou que Caiado falasse. Ele foi logo indagando: "Poder? Mas que poder?" Marília Gabriela interrompeu o ex-governador do Rio para garantir a palavra a Caiado.

O ex-presidente da UDR afirmou que sua entidade sempre conseguiu suas conquistas no palco democrático do Congresso Nacional. A resposta de Brizola foi irônica: "Imaginar a UDR no poder é uma piada". Ele aconselhou os pequenos e médios produtores rurais a se retirarem da entidade, porque ela "está defendendo a concessão de terras feitas pela ditadura". Caiado replicou que a entidade não era um partido político e passou a elogiar o candidato a vice na sua chapa, Camilo Calazans.

Nesse momento, ocorreu o primeiro tumulto na assistência que estava no estúdio. Um dos acompanhantes de Brizola começou a gritar: "vocês são assassinos", se referindo às constantes denúncias que atribuem à UDR a responsabilidade pelo conflito que ocorre no interior pela posse da terra. A mediadora chamou mais um intervalo comercial, mas a discussão entre Caiado e Brizola

continuou.

— Você é um grande fazendeiro no Uruguai e não assumi isso aqui — atacou Caiado.

— Eu estava no exílio. Não tinha outra alternativa para sobreviver. Você não. Você passava bem. Viajava para a França com passaporte na mão — retrucou Brizola.

— Claro que eu tinha passaporte. Eu vivia na legalidade, eu estava visível. — retornou Caiado.

— Na legalidade da ditadura — interrompeu Brizola.

— Eu estava trabalhando, produzindo e gerando riquezas para o País — finalizou Caiado.

Os assessores de Brizola, o seu candidato a vice, deputado Fernando Lyra, e o vice-prefeito do Rio de Janeiro, Roberto D'Ávila, recorreram a Marília Gabriela pedindo direito de resposta, por ter sido Brizola citado nominalmente quando o programa estava no ar. Caiado não gostou e logo retrucou:

— Não. Eu não citei ninguém. Vocês não vão ganhar essa. Vocês já estão habituados a serem derrotados pela gente na Assembleia Constituinte. Nos conhecem bem. Somos financiados pelo dinheiro brasileiro e não pela Internacional Socialista, como vocês.

Leonel Brizola tentou colocar o senador Mário Covas, que estava conversando com uma assessora, na discussão. "Agora o sr. está ofendendo o Covas", disse Brizola, numa alusão ao fato do senador ser candidato por um partido social-democrata, que representava na Europa a ideologia dominante na Internacional Socialista. Covas fingiu que não estava entendendo e antes que Brizola pudesse explicar, o programa voltou ao ar.

Este foi o clima que reinou durante praticamente todo o debate. Desta forma, nenhum candidato, com exceção de Brizola e Caiado, criou barreiras para uma aliança no segundo turno. Em nenhum momento, por exemplo, Afif, Affonso Camargo, Maluf e Caiado se confrontaram.

No final do programa, eles preferiram não analisar desta maneira o comportamento que tiveram no debate. "Era natural que isso ocorresse, eles têm respostas semelhantes para os mesmos problemas", disse Roberto D'Ávila. Na verdade, eles poderiam ter escolhido os seus adversários mais próximos.